

## UM POUCO DE MÚSICA

## 13. 300 ANOS DE RAMEAU ( Aldo Obino )

Paris é sempre Paris. Com o maior movimento pluralista nas artes em seu conjunto na Europa, atingindo até cento e trinta espetáculos simultâneos através da música, do teatro, da dança, quando só Nova York a excede com cento e sessenta espetáculos diários, ambas sem contarmos os “shows” e as mostras, temos gratas lembranças da temporada primaveril de 1974 seja na música, teatro ou dança e do outono de 1980. Entre tudo, indelével nos é a lembrança de uma ópera de Richard Strauss e, mais ainda, a ópera clássica de Rameau **Dardanus** pela Ópera de Paris. A tragédia lírica de Jean Philippe Rameau foi uma revelação. O autor, agora em seu tricentenário, foi repostado pelo regente Raymond Leppard, que Porto Alegre bem conhece pela primeira vinda da Orquestra de Câmara de Londres na UFRGS. Musicista de escol e diretor orquestral do mais alto nível britânico, ele contou com um elenco francês qualificado e ótimo coro. A “mise-en-scène” coube a Jorge Lavelli, o genial diretor teatral argentino há vinte anos radicado em Paris e o mais destacado entre cinco diretores platinos que dignificam o movimento teatral francês. Com cenografia deslumbrante e coreografia correspondente, a obra clássica teve um tratamento de vanguarda, com efeitos técnicos ímpares e montagem dinâmica e ótica fora de série, com os cantores voando ou surgindo do subsolo e com “décors” e figurações criativas. Apreciamos o mestre que sobrepujou a Couperin e Lully por seus dons musicais, mas que é pouco difundido e escamoteado até por Respighi em seu poema **Os Pássaros**. É a arte francesa em sua pureza e originalidade, como verificamos com a música de Fauré, Debussy, Ravel até Boulez.

É ópera liberta do jugo itálico de Lully e da voga mediterrânea de há trezentos anos. Impressionante, nisso tudo, é o enlace harmonioso entre a obra clássica e seu tratamento contemporâneo, sem desvirtuamento de seu contexto, numa leitura de palpitante atualização. (...) **Dardanus** é tragédia lírica e não dramática e o tema da mitologia grega é sintônico com o de Orfeu, de Gluck. Distingue-se do tragicismo de Corneille e Racine e seu franco “elan” é distinto da lírica itálica e tedesca e seu sinfonismo precede ao de Haydn e Mozart, em tudo notando-se o gosto, a medida e a harmonia bem proporcionada.

Rameau não deixou uma obra opulenta como a de Mozart, mas a qualidade musical bem caracteriza sua criatividade em **As Índias Galantes** e **Castor e Pollux**. A música francesa não circula mundialmente além, a austríaca e a italiana, que preponderaram, têm mais difusão

por qualidades inconfundíveis, a latina por seu “elan” vital e a tedesca por sua elaboração e diversidade. A música gaulesa é de estética refinada e mais feminil até Fauré, Debussy e Ravel e só com Jolivet e a nova vanguarda se torna veemente, rítmica e mais marcante, embora temperada com Messiaen, Boulez e outros.

O presente ano marca o tricentenário do nascimento de Rameau, que será comemorado pela Orquestra Sinfônica de Porto Alegre através de nada menos de meia dúzia de propostas de seu repertório, ao contrário do olvido em que a Orquestra deixou em 1982 as efemérides de Paganini, Zoltan Kodaly e Malipiero. Trata-se de um musicista de escol, mas reservado, não obstante a qualidade e o valor de sua criatividade num itinerário existencial e longo de oitenta e um anos do musicista de Dijon que morreu em Paris, polarizado entre a música religiosa, a profana e a teatral lírica e de “ballet”, cantatas e pura música instrumental do órgão ao cravo e conjuntos de câmara. A presença histórica de Rameau marcou a pugna entre os admiradores de Lully e ele, em que se houve com humana sobranceira. ( Do “Correio do Povo”, de Porto Alegre, 15-2-1983. )

#### 14. “QUEM TEM MEDO DE STRAVINSKY?”

Não tive oportunidade de ouvir a conferência que, sob o título supra, proferiu o Prof. José Alexandre dos Santos Ribeiro, comemorando o centenário que neste ano transcorreu, do grande compositor. Mas, conhecendo o conferencista, bem como a obra de Stravinsky, não me é difícil imaginar como deve ter sido, com a erudição, a clareza e o sentido didático que o ilustre professor sabe imprimir a tudo quanto fala ou escreve. Parodiando o que alguém afirmou de certa feita a propósito de determinado livro, posso dizer: “Não ouvi, mas gostei”...

Não sei se alguém terá respondido à pergunta formulada no próprio título da conferência. Parece-me, todavia, que muita gente continua tendo medo de Stravinski. Doutra forma não se explicaria que seu centenário tivesse passado em branca nuvem, mesmo nos maiores centros culturais e artísticos do Brasil. Aliás, o compositor russo nunca esteve muito freqüente nos concertos em nosso país. Freqüentador assíduo de concertos em São Paulo durante mais de trinta anos, talvez os dedos de uma só mão sejam suficientes para contar as vezes em que ouvi obras de Stravinsky: uma vez a **Sagração da Primavera**, e em outras poucas **O Pássaro de Fogo**, a missa ( regida pelo próprio compositor na Candelária, do Rio de Janeiro ) e, neste ano, uma bonita apresentação, pela televisão, **da História do Soldado**, devidamente encenada.\* No entanto, trata-se da

(\*) Esta nota já estava escrita quando se realizou em Campinas, no Centro de Convivência, uma apresentação, devidamente encenada, da **História do Soldado**. Não tive oportunidade de assistir a ela, mas tive notícia de que o espetáculo se revestiu de muito boa qualidade.

maior figura de compositor deste século, autor de obra imensa, abrangendo as mais variadas formas: óperas, bailados, oratórios, música sacra, cantatas, obras corais, música orquestral e instrumental, música de câmara...

O transcurso de seu centenário no corrente ano poderia propiciar excelente ensejo para maior divulgação de sua obra, cujo conhecimento, entre nós, limita-se aos discófilos, e ainda assim na base de discos importados, pois de sua vasta discografia, creio que só a **Sagração da Primavera**, **Petrushka** e **O Pássaro de Fogo** mereceram reimpressão no Brasil. Numa homenagem à grande efeméride musical, propus-me a repassar tudo o que de sua autoria possuo em minhas estantes, desde a grande ópera **A Carreira do Libertino** até uma pequena polca escrita para acompanhar dança de elefantes num circo (a **Circus Polka**), Seus "ballets", que inegavelmente constituem o ponto alto de sua produção ( **Agon**, **Apollon Musagète**, **Jogo de Cartas**, **Persephone**, **Pulcinella** e os já citados **Sagração da Primavera**, **Pássaro de Fogo** e **Petrushka** ) merecem maior divulgação. De quem a culpa ? Dos regentes, que não se dispõem a estudar novas partituras ? Das orquestras que as não aceitam ? É claro que não é do público que as não conhece. Isto prova, enfim, que há muita gente ainda com medo de Stranvisky. ONM ( "Correio Popular", 1-12-1982. )

## 15. DUAS GRANDES FIGURAS DO NACIONALISMO MUSICAL

Dois importantes países europeus, e dos que mais se destacaram na história do nacionalismo musical – a Hungria e a Polônia – comemoraram no corrente ano ( 1982 ) o centenário de nascimento de dois dos seus maiores compositores, dos que mais contribuíram para realçar as tendências nacionalistas da música deste século. Se entre o húngaro Zoltan Kodaly e o polonês Karol Szymanowski há inúmeras diferenças, é inegável que neles há um traço comum, justamente o que os levou à procura de fontes nacionais para suas obras.

Ambos são quase desconhecidos no Brasil, a não ser, evidentemente, dos discófilos. Ausentes das salas de concerto, seus nomes acabaram sendo pouco divulgados e poderão até constituir novidades para os que me honram com a leitura destes rabiscos semanais. No entanto, deixaram obra vasta e variada, abrangendo as mais diversas formas de composição, tanto vocal, como instrumental e orquestral. Kodaly talvez tenha sido mais nacionalista que Szymanowsky, e nisto não fez senão seguir a tradição de seu país, que vinha já do século passado, e que teve em Bela Bartok ( cujo centenário foi comemorado no ano passado ) seu ponto mais alto.

No repertório kodalyano encontramos, como obras fundamentais, a ópera **Hary János** ( a mais húngara de todas as óperas

escritas por compositores daquele país ), duas missas, uma abertura teatral, um **Te Deum**, dois quartetos de cordas, as danças de Galanta e de Marossek ( ambas de profunda inspiração folclórica ), um salmo (**Psalmus Hungaricus** ), composto para comemorar a união das cidades de Buda e Pesth, com a qual se formou a capital húngara, muita música religiosa ( nas formas menores ) e, sobretudo, uma quantidade imensa de canções populares por ele recolhidas e harmonizadas, numa tarefa semelhante à de seu compatriota Bela Bartok e do nosso Villa Lobos. Da importância de sua obra, bastaria lembrar que o famoso Dicionário de Grove, em edição publicada quando Kodaly ainda vivia ( faleceu em 1967 ), dedica-lhe vinte colunas, com aquela letra miúda que caracteriza o conceituado léxico.

Já Szymanowsky ( falecido em 1937 ) deixou obra menos volumosa, mas de igual valor. Sua ópera **O Rei Rogério**, recentemente gravada, veio revelar um aspecto desconhecido de sua produção, pois ele sempre foi lembrado pelas suas obras pianísticas ( estudos, sonatas e mazurcas ), sinfônicas ou camerísticas ( quartetos, trios etc. ). Mas em sua bagagem, encontramos também, ( embora não gravadas, a não ser talvez em seu país ) mais uma ópera, uma opereta, um bailado, música incidental para uma peça de Molière, três sinfonias e dois concertos para violino, além de outras obras em formas menores. Esta nota visa tão-somente à recordação dessas duas figuras do nacionalismo musical no centenário de seus nascimentos. ONM ( “Correio Popular”, 8-12-1982. )

## 16. O ROMÂNTICO E DIABÓLICO PAGANINI

Quase cento e cinquenta anos são passados de sua morte e continua vivo o mito de Paganini. Críticos seus contemporâneos pintavam-no como de aparência quase diabólica, ossudo, magro e pálido, mais espectro do que homem. Porém, quando segurava o arco como que se transfigurava e seu violino cantava com tamanha vitalidade e vigor que o ouvinte permanecia arrebatado. Muitos juravam ver o diabo em pessoa guiando-lhe a mão. Mas, deixando de lado tão ingênuas e banais crendices, a verdade é que Paganini continua sendo uma das grandes figuras do romantismo italiano. Já havia na Itália, nos séculos XVII e XVIII, uma gloriosa tradição violinística com Tartini, Vivaldi, Vitali e outras figuras do grandioso “settecento”, e Paganini não fez senão continuar a tradição.

Vivendo no período de transição do século XVIII para o XIX, pois nasceu em 1782 — precisamente há dois séculos — e alcançou até 1840, não pagou tributo ao melodrama nem à ópera-bufa, como acontecia com os compositores de sua época. Talvez tenha sido Paganini o único compositor italiano do século passado a não escrever óperas ou, melhor dizendo, o último compositor peninsular genuinamente instrumental. Após ele segue-se quase um século puramente operístico, não deixando lugar

para outras formas de composição. Só em nossos dias, pode dizer-se, ressurgiu na Itália uma geração capaz de restaurar a tradição instrumentista de outrora.

Assim, a obra que deixou é essencialmente violinística, pois até as obras que produziu para o violão são acompanhadas ao violino. Seus "Caprichos" constituem verdadeira Bíblia para os estudantes desse instrumento. Tais como os prelúdios e fugas do "Cravo bem temperado", de Bach, com relação ao piano. Seus concertos para violino e orquestra dão tal predominância ao solista, que podem até ser executados a solo, sem o conjunto orquestral. Mas não são obras apenas de efeito, embora o mestre o apreciasse e ele próprio tirava extraordinário partido de suas habilidades. Algumas de suas peças mais populares, como o **Moto Perpetuo** ou **La Campanella** não têm outro objetivo senão tirar partido do instrumento. Esta última, originalmente simples movimento de um dos seus concertos, tornou-se universalmente conhecida pela transcrição para piano que dela fez o grande Liszt.

Sua obra para violão, por muito tempo esquecida, mas ultimamente restaurada e lembrada, faz-nos ver um Paganini um pouco diferente, embora não seja das melhores coisas escritas para esse instrumento. Deixou fama de "homem do mundo", conquistador galante à moda de Casanova, particularidade esta já explorada em romance e cinema. ONM ( "Correio Popular", 22-12-1982. )

\*

## 17. EM MEMÓRIA DE SOUZA LIMA

( O falecimento de Souza Lima, em fins de novembro do ano passado, privou os meios artísticos brasileiros de uma de suas maiores figuras. Numa homenagem especial ao grande pianista, regente, professor e compositor, reproduzimos nestas páginas a saudação que o responsável por esta publicação, em nome da cidade de Campinas, dirigiu-lhe em 14 de dezembro de 1972, quando do transcurso do cinquentenário de sua primeira grande vitória no Conservatório de Paris. )

A sessão com que a cidade de Campinas, através de sua Secretaria da Educação e Cultura, recebe uma das mais expressivas figuras da música brasileira deste século, no momento em que se comemora o cinquentenário de sua primeira grande vitória no Conservatório de Paris, não deveria comportar discursos, ainda mais quando temos o privilégio de contar com a sua presença e de ouvi-lo não só através de algumas de suas obras, mas de seu próprio depoimento pessoal, que algumas questões

em breve ensinarão para maior comunicabilidade entre o mestre e o auditório.

Esta circunstância faz-me lembrar de conhecida ilustração. Em certo local, dando para um grande saguão, havia duas portas. Sobre uma delas, um dístico: “Paraíso terrestre”. Sobre a outra, estava escrito: “Conferência sobre o Paraíso terrestre”. Pergunta-se por qual das portas os visitantes dariam preferência... Não me parece muito justo obrigar meus ouvintes a entrar pela porta intitulada “Conferência sobre Souza Lima”, quando ele poderia escolher a outra, intitulada simplesmente “Souza Lima”. Todavia, farei com que a passagem pela primeira seja a mais breve possível, pois o que todos nós desejamos é ouvir Souza Lima, seja, como disse, através de suas obras, ou de seu próprio depoimento pessoal.

Sua vida é bastante conhecida, e ainda nesta semana, os jornais dela se ocuparam. Nascido em 1898, dia 21 de março — de tanta significação na história da música, pois é também o dia do nascimento de João Sebastião Bach —, Souza Lima firmou-se na quádrupla função de pianista, compositor, regente e professor, e nestas quatro atividades, seu nome permanece indissolivelmente ligado à vida musical do Brasil, especialmente de São Paulo, a partir da terceira década deste século. Paulista de velhos troncos, nascido na velha Rua da Tabatinguera, de tanto significado nas tradições da ainda pequenina São Paulo dos fins do século passado, seus primeiros estudos fê-los a princípio com o irmão, José Augusto de Souza Lima e, depois, com o mestre Chiafarelli, o verdadeiro fundador da escola pianística paulista, da qual saíram os valores igualmente notáveis de Antonieta Rudge e Guiomar Novais. Na segunda década do século, não contando ainda vinte anos, já era considerado um dos nossos grandes “virtuosos”, pois dera concertos em São Paulo e no Rio de Janeiro e já obtivera dois prêmios em concursos de composição.

Sua carreira se define, por assim dizer, nas reuniões famosas e de tanta projeção na vida social e intelectual de São Paulo, promovidas por Freitas Vale, em sua Vila Kyrial, na Vila Mariana, na capital paulista. Lá centralizava-se, de certa forma, o mundo intelectual e artístico de São Paulo, a ela comparecendo, inclusive, figuras ilustres, de passagem pela cidade. A fidalguia do senador gaúcho, que soubera dar à sua residência o mesmo toque de elegância, de distinção e de bom-gosto, que nos habituamos a ver, pelas leituras, nos famosos salões franceses da era romântica ou da “belle époque”, contribuíra enormemente para a aglutinação do que São Paulo possuía de mais expressivo naqueles anos de transição que coincidem com a segunda década de nossa centúria. Ali se reunia um círculo que bem definia a época: homens do passado, homens do futuro, artistas, poetas, políticos, intelectuais mais diversos e até pseudo-intelectuais, nativos ou estrangeiros, enfim toda uma “fauna sem bússola”, para usar a sarcástica expressão de Oswald de Andrade. E era

ainda o irreverente e incorrigível Oswald quem, ao mostrar os extremos a que chegava a legião de freqüentadores das “avinhadadas reuniões” da Vila Kyrial, dizia que lá podia ser encontrado, desde um fútil e medíocre diplomata, cujo nome não precisa ser citado, até uma “promissória de gênio”, que era o pianista Souza Lima...

Xavier Leroux, o grande mestre francês, de passagem por São Paulo, à frente de um conjunto lírico, teve ocasião de comparecer a uma das reuniões da Vila Kyrial e ali ouviu Souza Lima. Resultado: endossou a “promissória” a que se referia Oswald de Andrade, levando o senador gaúcho a conseguir do governo do Estado uma bolsa para que o talentoso pianista e já compositor pudesse estudar em Paris.

Os onze anos que Souza Lima viveu na capital francesa, onde estudou com Isador Philip, Marguerite Long ( que o considerava seu “filho espiritual” ), com Egon Petri, com Chevillard, com Maurice Emmanuel, com Eugêne Gigout, são profundamente significativos para a vida musical francesa. Muito poderia ser dito – ou melhor, muito poderia ele dizer –, sobre estes onze anos da vida parisiense de Souza Lima, desde o primeiro grande prêmio no Conservatório, cujo cinquentenário estamos comemorando, até o convívio com as mais expressivas figuras da música francesa daquele período, de muitos dos quais se tornou Souza Lima bastante íntimo e cujas obras, depois, divulgou no Brasil: Ravel, com quem estudou toda a obra pianística, Roussel, Gigout, Dukas, Landormy, Koechlin, Nadia Boulanger, ou aqueles outros Milhaud, Poulenc, Honegger, Aubert, Auric, enfim aquela plêiade que se convencionou denominar “le groupe de six”, e que, logo após a morte de Debussy, ocorrida em 1918, e sob a inspiração do irreverente Erik Satie, ele próprio “en forme de poire”, contribuiu para manter viva a tradição musical francesa no difícil período de entre guerras. Como seria bom se Souza Lima nos falasse de tudo isso, e, mais ainda, sobre a sua convivência nos salões de Madame Debussy !

Cumprе lembrar, entretanto, que a presença em França e a influência dos mestres franceses não desnacionalizaram Souza Lima. Ao contrário: o momento em que retorna ao Brasil é de grande significação para a música brasileira. A “Semana de Arte Moderna”, de 1922, cujo cinquentenário também comemoramos no corrente ano, pouco significou do ponto de vista musical, pois naquela época apenas Villa Lobos podia dar a nota de um novo senso estético, dentro das tendências nacionalistas apregoadas pela “Semana”. Os outros compositores que o Brasil possuía por ocasião da realização da “Semana”, homens, sem dúvida, de inegável valor e cuja obra evidentemente não pode ser esquecida, como Francisco Braga e Henrique Oswald, estavam presos demais a um tradicionalismo que não condizia com os ideais da “Semana”. Francisco Mignone e Lorenzo Fernandes estavam iniciando sua produção e não tinham, ainda, muito a oferecer. Souza Lima encontrava-se na Europa. Nepomuceno, o grande

pioneiro do nosso nacionalismo, tinha falecido no ano anterior... Outros – como Camargo Guarnieri, Radamés Gnattali, José Siqueira e tantos mais – eram ainda muito jovens quando da realização do grande movimento de 1922. Todavia, todos eles, dez ou quinze anos mais tarde, poderão ser considerados os grandes mestres daqueles ideais que a “Semana de Arte Moderna” pregara e realizara nos domínios da pintura e da literatura. Seria o caso de dizer-se que, para a música, a “Semana de Arte Moderna” veio dez anos mais tarde... E neste momento, a contribuição de Souza Lima, recém-chegado da Europa, é marcante e expressiva.

O impulso dado à vida musical paulista depois de 1932 por Mário de Andrade, com a criação do Departamento de Cultura, não podia deixar de interessar a Souza Lima. Nele, o grande musicólogo teve um dos seus mais eficientes colaboradores, como pianista, integrando conjuntos (como o “Trio São Paulo”), como regente e como compositor, pois um dos primeiros concursos de composição instituídos pelo Departamento de Cultura, lá por 1936 ou 37, teve o seu primeiro prêmio arrebatado por Souza Lima, com o poema sinfônico **O rei mameluco**, inspirado no conhecido episódio histórico da aclamação de Amador Bueno como rei dos paulistas, no século XVII.

Lembro-me (e peço licença para esta referência pessoal) que o segundo concerto sinfônico, que tive o privilégio de assistir em São Paulo, logo que fixei residência na grande cidade, foi dirigido por Souza Lima, e lembro-me muito bem que o programa – tratava-se daqueles primeiros concertos populares promovidos pelo então recém-criado Departamento de Cultura – apresentando Souza Lima como regente, dizia que uma das preocupações da instituição era a apresentação de “valores novos”. Mas, ao ler a nota constante do programa, vi que o valor novo que então se apresentava, dando a impressão de um principiante, trazia belíssimo currículo, salientando suas atividades nos dez anos de permanência na França. Talvez fosse valor novo na qualidade de regente...

De então para cá, nestes quase quarenta anos, o nome de Souza Lima vincula-se à vida musical de São Paulo naquela quádrupla função a que de início me referi, como pianista, como regente, como compositor e como professor, formador de numerosos discípulos, inclusive em nossa cidade, à qual Souza Lima se acha ligado há muitos anos, aqui comparecendo semanal ou quinzenalmente para o admirável trabalho de preparação de novos valores.

No terreno das realizações, São Paulo lhe deve – destaque-se isto do muito que recordo – um dos mais belos espetáculos já levados a efeito na capital paulista, qual a encenação do grande oratório de Berlioz, **A Infância de Cristo**, no qual, à direção segura de Souza Lima, aliaram-se o bom-gosto de Badia Vilató e a probidade artística de Lucille Boye-Sendra,

Eladio Perez Gonzales, Roberto Machado de Campos e Juan Carlos Ortiz, espetáculo realizado quatro ou cinco vezes, o quê, para este gênero de música, é verdadeiramente um caso excepcional para São Paulo.

A produção de Souza Lima é imensa, abrangendo as mais variadas formas: ópera, bailados, poemas sinfônicos, concerto para piano e orquestra, peças para piano, peças para canto e piano, peças para violino e piano, peças para coro. Algumas de suas obras orquestrais, como o **Poema das Américas**, foram alvo de prêmios internacionais. Lamentavelmente não temos tido oportunidade de ver executada, entre nós, a maior parte de suas obras, e uma coisa que não entendo é por que Souza Lima é tão pouco gravado. O que é deveras lamentável, porquanto sabemos que o “milagre do disco” (como costume denominar) é que nos permite o conhecimento de centenas de obras-mestras, que jamais ouviríamos num concerto. Estes, embora freqüentes, (pelo menos nas grandes cidades), não atendem muito aos compositores brasileiros, e quando o fazem, fazem-no apenas com aquela obrigação de incluir no programa um “complemento nacional”, de pequena duração e que nem sempre exprime o sentido ou dá idéia da obra de seu autor. Fico sempre a pensar como seria limitado o nosso conhecimento do repertório musical se não fosse o “milagre do disco”. Mas, não consigo entender, repito, no movimento discográfico brasileiro, a injustiça feita a Souza Lima, que aparece pouco representado numa discografia nacional. Basta dizer que, de suas obras orquestrais, apenas uma — **Lendas brasileiras** — encontra-se gravada, numa série de música erudita brasileira idealizada por Irineu Garcia, sob os auspícios do Ministério da Educação e Cultura, mas que, infelizmente, não teve prosseguimento. Além dessa obra, podemos ouvir, para piano, os cinco prelúdios (gravados por Eny da Rocha), a **Improvisação nº 2** (gravada pelo saudoso Fritz Jank), um **Noturno** (gravado por Clara Sverner) e uma valsa (gravada por Arnaldo Estrela); para violino e piano, o **Capricho rústico** (gravado por Nathan Schwartzman e Fritz Jank); uma canção sobre texto de Elza das Neves (gravada por Magdalena Lébeis) e o lundu-canção **Ziri Nego** (gravado pelo conjunto coral do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, dirigido por Walter Lourenção). É muito pouco para quem tanto escreveu. Mesmo como intérprete, temos sido pouco beneficiados com a arte de Souza Lima, pois afora alguns discos ainda do tempo de 78 rotações, os catálogos discográficos nos apresentam apenas a **Sonata para viola e piano**, de Camargo Guarnieri (que gravou com Perez Dvorecki), as duas **Fantasia brasileira**s de Francisco Mignone e o **Concerto em formas brasileiras**, de Hekel Tavares, que registrou duas vezes, a primeira ainda em discos de 78 rotações, e a segunda em gravação recente, num belo álbum, de lançamento particular, no qual se encontra, também, do mesmo autor, o **Concerto para violino e orquestra**, interpretado por Oscar Borgeth. Torno a dizer: é muito pouco para quem tanto tem realizado, seja no domínio nas composições, como das

interpretações. Certamente minha relação não é completa, mas o que falta não deve ser muito mais do que aqui foi indicado. Refiro-me, é claro, a gravações comerciais e não a gravações particulares, pois estas devem existir em grande quantidade, e eu, não podendo registrá-las, limito-me a invejar os seus felizes possuidores.

Peço licença para, encerrando, relatar episódio ocorrido há muitos anos, quando eu ainda era secretário da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Durante muito tempo, em São Paulo, fez-se uma tremenda confusão entre o nosso Souza Lima, pianista, regente e compositor, e o Professor Souza Lima, filólogo e professor de Literatura da Universidade de São Paulo, o qual, tal como o nosso Souza Lima, era também chamado simplesmente de Souza Lima, pouca gente atentando para o seu primeiro nome. Frequentemente um era procurado como se fosse o outro. De certa feita, apareceram em São Paulo dois professores universitários de Pernambuco, interessados em encontrar o Souza Lima da Universidade. Mas, como não tinham indicação correta de endereço, começaram a procurar: Souza Lima daqui, Souza Lima dali, Souza Lima dacolá, até que acabaram indo parar na casa do Maestro Souza Lima, que, na ocasião, se não me engano, morava lá para os lados da Rua Melo Alves ou Avenida Rebouças, não me lembro bem. Bateram, foram gentilmente atendidos e esperaram na sala até que o procurado Souza Lima aparecesse. Não conheço a sala do Maestro Souza Lima, mas posso imaginar a sala de um músico e compositor: um ou dois grandes pianos, partituras por toda a parte, bustos de compositores célebres, quase sempre ofertas de alunos aos quais parainfou, diplomas, medalhas, condecorações... Os dois visitantes, provavelmente, só não viram os grandes clássicos da Filologia... Perceberam logo que havia algum equívoco, e com efeito este equívoco foi desfeito assim que o Maestro apareceu. Com sua cortesia, diria com sua fidalguia, fê-los ver que se haviam enganado, e que o Souza Lima que procuravam poderia ser encontrado na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, dando-lhes até o endereço. Meia hora depois “despencavam” os dois pernambucanos em meu gabinete e me contaram a odisséia. Em tom de gracejo, dei-lhes uma “bronca”. “Puxa! vocês não tinham mais nada que fazer! Que é que tinham de ir amolar o Maestro Souza Lima?” A resposta de um deles foi magnífica: “Olhe, meu caro Odilon, não sei se amolamos ou não, mas que pena que não é do Maestro Souza Lima que precisamos! Que homem...” e lá vinha um adjetivo que podemos imaginar, quando a porta se abriu e o outro Souza Lima entrou pela minha sala e pôs fim ao entusiasmo do pernambucano. Feitas as apresentações, contei ao Professor Souza Lima o ocorrido. E a expressão do eminente professor foi esta: “Creio que com o Maestro os senhores bem poderiam ter tratado sobre o que desejavam. O contrário é que não teria sido possível: se os senhores fossem músicos e viessem parar em minha casa...”

É o lado humano de Souza Lima, que cativa a todos, ainda que com ele não troquem senão uma ou duas palavras. O mestre querido de seus discípulos, o artista respeitado pelo seu valor e pela sua honestidade, o homem acatado pela sua inteireza de caráter, e que sempre se colocou acima de todas as lutas, nem sempre fáceis, que envolvem os homens públicos.

Meu caro Souza Lima: a cidade de Campinas, nesta noite de 14 de dezembro, uma data bem campineira, de tanta importância na história de nossa cidade, pois assinala a criação do município em fins do século XVIII (temos até uma rua a evocá-la!), vos recebe e vos saúda, estendendo esta recepção e esta saudação àquela que é a digna companheira de sua vida, sempre pronta a estimulá-lo e a compreendê-lo, inseparável em todos os momentos – bons ou maus – com que tão fértil vida foi assinalada. E eu, meu caro mestre e amigo, e minha Senhora, doravante colocarei em meu modesto currículo, como um dos títulos mais honrosos, esta feliz oportunidade que me foi concedida pelo Senhor Secretário da Educação, Professor José Alexandre dos Santos Ribeiro, de, nesta noite, nesta bonita solenidade, em nome da cidade de Campinas, receber-vos e saudar-vos.

( Publicado originalmente, em o nº 42, de fevereiro de 1973, da **Notícia Bibliográfica e Histórica.** )

\*

\* \*